

Reunião Anual da SBPC 2019 – Campo Grande / UFMS

Mesa-Redonda: BUROCRACIA E CIÊNCIA

Coordenador: Paulo S. L. Beirão (UFMG)

Dia/Hora: 26/7/2019 - das 15h30 às 18h00

Resumo:

### **A Ciência da Burocracia**

Edson H. Watanabe (UFRJ)

Para se discutir a burocracia é necessária uma análise sobre a sua gênese. Em vez de começar a discutir a burocracia na ciência é preciso começar discutindo a ciência da burocracia. A premissa da “invenção” da burocracia é que ela compreende um conjunto de regras para procedimentos oficiais cada vez mais complexas e, nesse sentido, ela é necessária para organizar essas atividades. Uma boa burocracia (se é que ela possa existir dessa forma) deve dizer exatamente o que devemos fazer em cada procedimento e atender a todas as regras, normas, leis. Em princípio, ela foi inventada para facilitar a vida.

Mas, como todo remédio, quando se exagera na dose ou se toma mais achando que o efeito vai ser melhor, o efeito é ao contrário, um veneno. Assim, a burocracia em excesso tem sido um problema que tira a eficiência dos procedimentos e vivenciamos isso no nosso dia a dia. As reclamações são antigas e na época do governo militar houve até um ministro para tratar da desburocratização com efeito prático quase nulo. Agora, temos uma lei nova para o mesmo fim. Vamos torcer, mas é preciso entender melhor como a burocracia nasceu para poder combatê-la.

Então de onde vem a burocracia excessiva? A tese é que ela venha da desconfiança entre as pessoas e o artigo “The Neurobiology of Trust”, publicado por Paul Zack, na revista *Scientific American*, de junho de 2008, mostra que o Brasil é onde a desconfiança entre as pessoas é a mais alta entre cerca de 20 países pesquisados. Vale notar que os países pesquisados são importantes e essa publicação é de 2008. Com a Lava Jato atuando desde 2014, a confiança pode ter piorado. Na verdade, esse artigo, de 2008, mostra que apenas cerca de 2% dos brasileiros confiam em outro brasileiro. Em resumo, é como se para cada 100 brasileiros, só confiássemos em 2. Se tomarmos 50 brasileiros existissem 49 outros nos quais não confiamos! Esses números mostram que em um grupo de 50 brasileiros, só confiamos em nós mesmos. Criar uma sociedade nessas condições deve ser difícil ou impossível.

A pergunta seguinte é: de onde vem, então, a desconfiança? Possivelmente, os principais fatores que dão origem à desconfiança são dois: primeiro é que a lei da vantagem (*Lei de Gerson*) ainda não foi totalmente revogada e existem, ainda, muitos pequenos (e grandes deslizes) que deixam muitos ou todos desconfiados; segundo é que usamos o português de forma muito imprecisa (ou criativa) e ao mesmo tempo os profissionais do direito, juízes, ministro do STF inclusive, são mestre em descobrir novas interpretações para o que está escrito e isso leva à desconfiança.

A *Lei de Gerson* precisa ser revogada de vez, mas para isso são necessárias mais cidadania e educação. Já o português precisa de um uso mais cuidadoso por quem escreve leis, normas, regras, e ser aplicado sem grandes criatividade nas interpretações. É fato que no mundo jurídico a interpretação daquilo que está escrito em contratos, normas, leis é normal e muitos vivem disso. Mas, existem vários exemplos

de interpretações de leis que mudam radicalmente de uma hora para outra atingindo a muitos que sem má fé tinham adotado uma interpretação precisa, mas diferente. De fato, os nossos irmãos portugueses são, em geral, muito mais precisos no uso das palavras. A seguir um exemplo da precisão da língua em Portugal.

Um colega estava em Lisboa, e ao embarcar em um ônibus falou para o motorista: “Quando chegar na rua tal o senhor me avisa que vou *saltar*”. O motorista assustado sem movimentar o ônibus disse: “O senhor não faça isso. Quando chegarmos lá eu aviso e o senhor desce”. Lá, “saltar” tem o significado de pular, atirar-se. Aqui, originalmente, também. Mas, fomos criativos e inventamos um novo significado, descer, que usamos no dia a dia, mas não é preciso. Possivelmente, o uso de saltar com significado de descer venha do tempo dos bondes nas ruas do Rio. Velhos tempos, quando até se saltava de bonde andando. Além de criativos, éramos corajosos ou inconsequentes. Isso é só um exemplo, mas o problema é que fazemos isso com leis e até com a constituição.

Volta e meia vemos interpretações da constituição que fica fácil concluir que foi uma interpretação, pelo STF, no mínimo, criativa. Dizem que somos muito criativos, mas em excesso e, principalmente, na interpretação de leis, pode ser danoso pois reforça a desconfiança.

Em vez de tentar reverter a desconfiança, como remédio para o problema, criamos formulários e carimbos. Esse acaba sendo a consequência da desconfiança. Os formulários são para deixar claro aquilo que está nas regras, mas as pessoas podem não seguir. Na dúvida, inventa-se alguém para conferir o formulário que devem carimbar e assinar para garantir que o formulário está corretamente preenchido. O formulário em si, pode não ser ruim, tendo em vista a quantidade de regras que temos que atender, mas a desconfiança que não vamos preencher honestamente leva à existência do carimbo e carimbador. Como há desconfiança de que esse carimbador pode carimbar de qualquer jeito, inventaram um carimbador chefe, que confere o anterior. E assim, nos transformamos em um parafuso com rosca sem fim.

É necessário um pacto para todos falarem sério e a palavra escrita ou falada passar a ter fé. Precisamos um trabalho longo e árduo para restaurar a confiança entre as pessoas. Isso pode ser facilitado se o “nós” passar a ficar mais forte que o “eu” e o senso de cidadania aumentar. Aprender a usar o português de forma mais precisa e evitar interpretações excessivamente criativas também deve ser fundamental, se for possível definir o que seria “excessivamente criativas” já que a criatividade é essencial para evoluirmos.